

MILLÔR FERNANDES O COMPOSITOR CARIOCA É ANTES DE TUDO UM DISCRETO.

De repente eu me perguntei por que a minha tremenda irritação contra esse bando predatório, essa máfia sexual, essa *troupe* gragária e argentária fingindo amor & paz. A resposta é simples — porque sou carioca. De vez em quando se diz aquela de quem não tem o que dizer — carioca é um estado de espírito. Vamos lá que seja: porém se esse estado de espírito, em massa, é o da ostentação lúdica do carnaval e do futebol, no indivíduo vira o gosto pela discrição e pelo sincero "Pera lá, quem sou eu"? Temos ambições, ora se temos, e podemos ocasionalmente pisar um calo, na corrida. Mas formar bando pra atacar o lado de lá não é nosso feitio. Nem o nosso, nem o de milhares de outros brasileiros que vieram pra cá, aderiram a e colaboraram pra esse feitio. Ao acaso, lembrando de nomes quase todos amigos, mas que (a maior parte) passo tempos sem ver, cito alguns discretos compositores cariocas. Pra contraste com os anticariocas que ultimamente desceram sobre nós.



Ismael Silva — Aos 67 anos, simples como veio ao mundo, Ismael é uma dessas vítimas (ele sim) da "máquina" que não frequenta, nem entende. Um dos grandes nomes do samba (hoje apelidado com o nome pomposo de MPB); alguém aí já viu o Ismael fazendo onda de santo, semi-Deus, líder das massas? Um homem discreto.



Angenor de Oliveira (Cartola) — O *Rei da Mangueira* continua amando a música que sempre fez, uma vida de subúrbio e muitas amizades (*remember* o ZiCartola de curta e ampla existência). Como ele próprio diz no seu samba famoso: "Simplificando a história: vivi na obscuridade". Um homem extremamente discreto.



Alfredo José da Silva (Johnny Alf) — Um homem até prejudicado pela sua timidez. Eu diria mesmo que o Johnny Alf é meio invisível. Volta e meia porém aparece de novo em forma de uma música que fura as barreiras e fala por ele. Um cara discretíssimo.



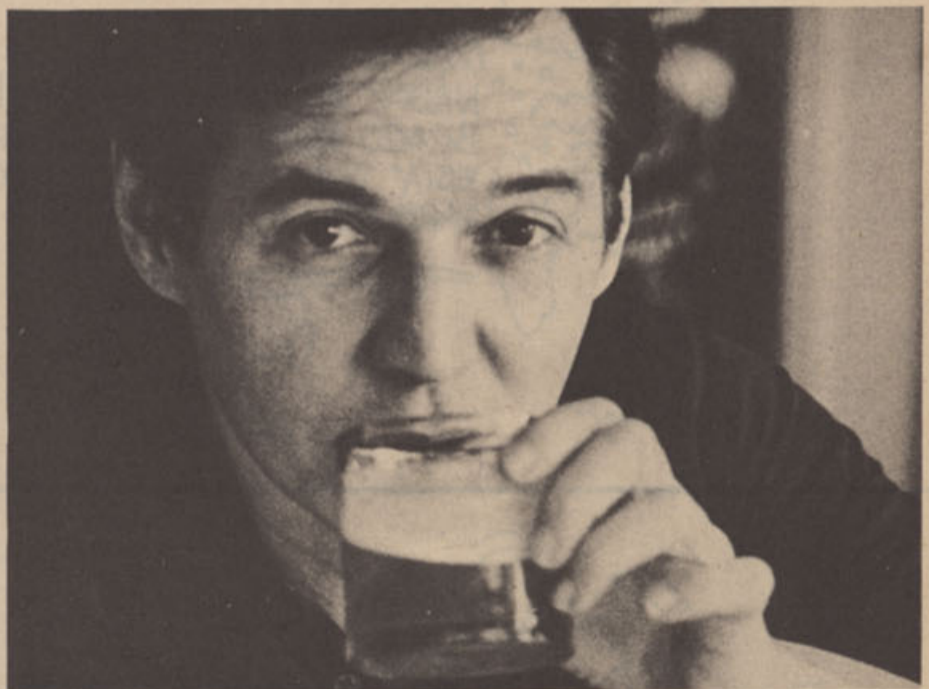
Carlinhos Lyra — A imagem do boa pinta Carlinhos Lyra é toda ao contrário: a impressão que dá é de um homem do mundo, dominador, agitado, líder de banda(o). Ao contrário, é um homem que vai e vem, trabalha sério e duro, e não gosta de aparecer. Esse "não gosta de aparecer", não é fingido, ô caras. Quem não gosta de aparecer não fica aparecendo toda hora pra dizer isso. Rapaz discreto, o Lyra.



Alfredo da Rocha Viana Filho (Pixinguinha) — Aos 74 anos, sua máfia se reduz aos mesmos velhos amigos de sempre, seus hábitos são os mesmos hábitos simples de toda-a-vida, a publicidade que recebe é aquela a que não se pode fugir. Setenta e quatro anos de uma existência extraordinariamente discreta.



Baden Powell de Aquino — O Badinho é itão discreto que nem nasceu no Rio — veio pra cá aos quatro meses e se instalou em São Cristóvão. Quase não fala pra não dizerem que ele fala demais. Aparece nos palcos, eletriza os que o ouvem, mas nunca está na ribalta. Devo-lhe uma conta de um telefonema internacional de alto carinho, que um dia inda lhe pago. Continuemos discretos, Badinho.



Tom Jobim — O tijuicano Tom, leblonense de coração, há muitos anos cidadão do mundo, se peca é por sua ausência. Ele não é encontrado, raramente está lá e quase sempre não vai lá. Um homem que tem vivido para sua música, seus amigos e pra sua cerveja, alheio a bandos predatórios. Tira a "máquina" de letra. Um homem discretíssimo.



Paulo Cesar Batista — Nascido há trinta anos, o Paulinho da Viola, pra começo de conversa, já não fica por aí, tirando onda de menino. Bom de violão, de cavaquinho e instrumentos afins, Paulinho deu um *show* incrível no Number One pelo simples fato de que entrava, cantava, tocava, e saía. Pra evitar mal-entendidos tem até cara de discreto.



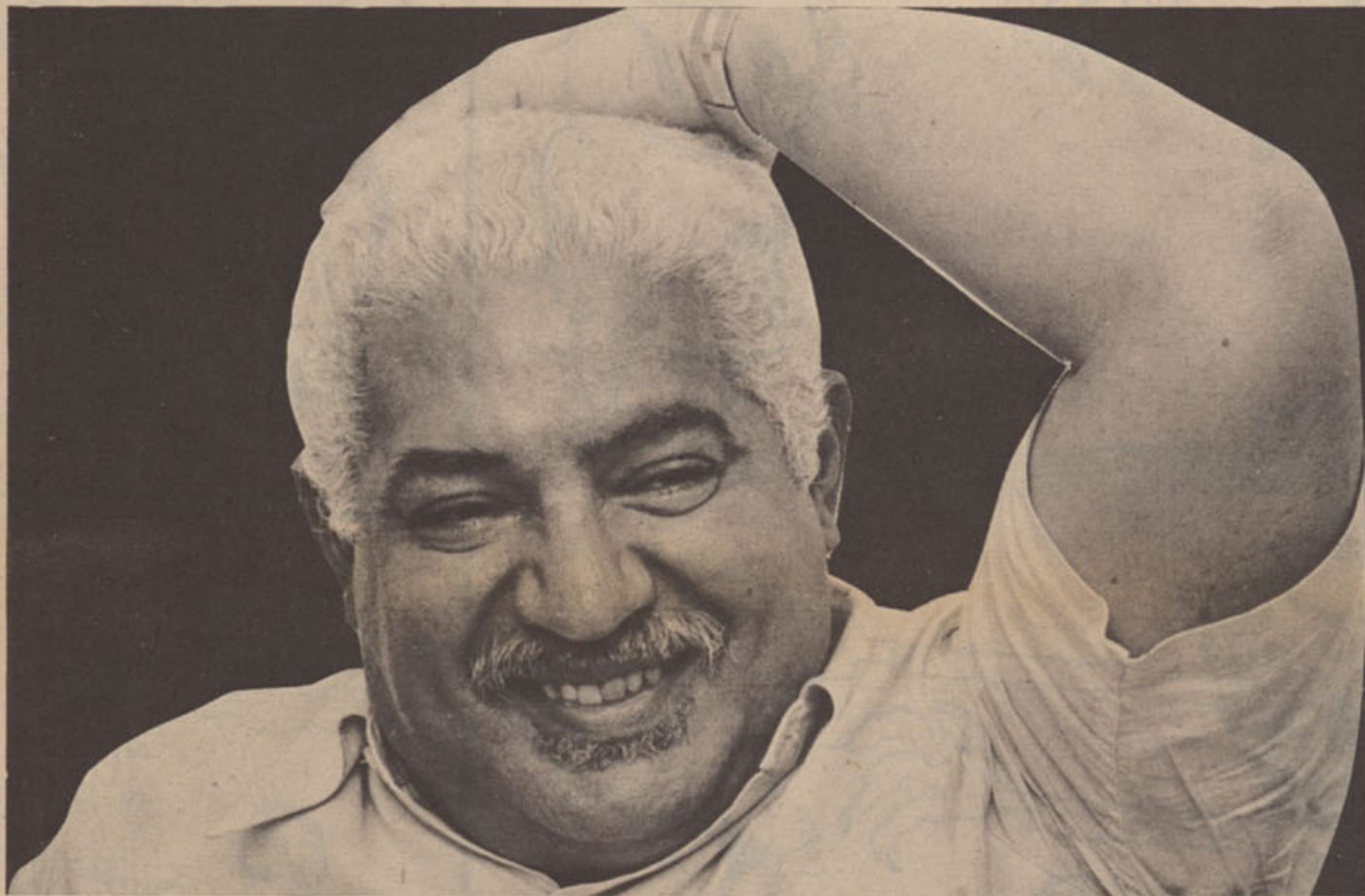
Francisco Buarque de Holanda — Pô, existe alguém mais procurado, solicitado, gaudunhado, masturbado pela "máquina" do que Chico Buarque? Sobretudo depois que a "máquina" lhe deu um arranhão (Roda-Viva, o teatro, não a música) Chico se fixou numa das posições mais sólidas que conheço como artista e como figura humana. A tentação, no caso dele, bate na porta 24 horas por dia. A imagem da discrição.



Edu Lobo — Teve todas as oportunidades possíveis pra desmunhecar na vida de celebridade. Mas de vez em quando a gente até se esquece dele, ele lá estudando, aprendendo, vindo. Uma força, o rapaz, uma cuca musical maravilhosa. Outro, da geração de trinta anos que não fica aí tirando onda de garotinho que não sabe das coisas — pra proveito próprio. Discreto como ninguém, o Eduzinho.



Dori Caymmi — Falo do filho do velho Dorival. Já na de maestro, lutando como um doido, caprichando na vida e na arte. De vez em quando a gente encontra ele por aí, nas esquinas da música, mas está sempre a serviço. Talvez até um pouco chegado demais ao trabalho, o Dori, um rapagão discreto.



Dorival Caymmi — Entre as minhas glórias, esta que repito sempre com orgulho: fui a primeira pessoa a quem Dorival Caymmi falou quando chegou ao Rio vindo da Bahia, procurando emprego. Eu menino, repaginando páginas d'*O Cruzeiro*, na minha frente o rapazola meio sem jeito procurando o Edgard de Almeida (paginador d'*O Cruzeiro*, ausente). Caymmi tinha uma recomendação para Teófilo de Barros, diretor da Rádio Tupi, pai do atual Theo, extraordinário violonista (e compositor) paulista a quem eu invejo também por motivos sentimentais. Caymmi ficou no Rio por mais de trinta anos e, em se falando de música *realmente popular* da mais alta qualidade, eu não conheço ninguém que encoste nele. São apenas umas sessenta peças em mais de trinta anos de trabalho, mas perfeitas no entrosamento letra-música, na incrível e vigorosa simplicidade poética. Caymmi, filho da Bahia e do Brasil, o mais malemolente, o mais tranqüilo, o mais discreto dos cariocas.

E Francis Hime, meu Deus, agora escondido nos Estados Unidos, mas sempre escondido, mesmo quando está presente. E Donga, João Da Baiana, Nelson Cavaquinho, bem vão dizer que esses estão

"afastados". Mas e os irmãos Castro Neves, e Danilo (o outro Caymmi) e Luizinho Eça? E as dezenas e dezenas de jovens que eu conheço pelaí, tocando paca, como meu amigo Piri, que nem chato

abre a boca quando ele toca? E Elton Medeiros, ô Paulinho da Viola, quedê o Elton, teu companheiro naquele maravilhoso *Rosa de Ouro*? São tantos que nem adianta citar. Sem contar aqueles que a

gente esquece porque realmente não querem nada. E aí a discrição já passa a ser defeito pois deixa o campo aberto justamente à *Cosa Nostra*, à *Mama Mia*, à gitanagem familiar, grupal e empresarial.

**COMPOSITORES CARIOCAS,
UNI-VOS:
NADA TENDES A PERDER
SENÃO O TRIO ELÉTRICO.**